

Os catálogos dos Salões Capixabas de Arte Fotográfica: vestígios do evento

The catalogs of Capixaba Photographic Art Salons: event trace

Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga¹

Resumo: O texto proposto, *Os catálogos dos Salões Capixabas de Arte Fotográfica: vestígios do evento*, apresenta um estudo sobre os catálogos elaborados para os *Salões de Arte Fotográfica*, promovidos pelo *Foto Clube do Espírito Santo (FCES)*. Ao longo dos 26 *Salões* promovidos pelo FCES, este publicou a partir do seu IV Salão, em 1951, um total de 22 catálogos. Essa documentação, detentora de vestígios do evento, reafirma, a fotografia artística produzida e selecionada pelas Comissões Julgadoras, orientada segundo os valores estéticos do fotoclubismo. Em definição, os *Salões de Arte Fotográfica* compunham o conjunto de atividades realizadas pelos fotoclubes, sendo uma das mais importantes práticas das agremiações por operarem na difusão da fotografia artística e, também, na manutenção do movimento fotoclubista internacional.

Palavras-chave: Catálogos de salões fotográficos. Foto Clube do Espírito Santo. Salões de Arte Fotográfica. Fotografia artística. Fotoclubismo.

Abstract: *The proposed text, The catalogs of Capixaba Photographic Art Salons: event trace, presents a study of the catalogs produced for the Salon of Photographic Art, promoted by the Foto Clube do Espírito Santo (FCES). Throughout the 26 Salons that promotes FCES, this photoclub published from your IV Salon in 1951, a total of 22 catalogs. This documentation, which contains traces of the event, reaffirms artistic photography produced and selected by the Judging Committee, oriented in accordance with the aesthetic values of photoclubism. In the definition, the Salon of Photographic Art included the set of activities performed by photoclubs, one of the most important practices for organizations operating in the diffusion of artistic photography and also in the maintenance of international movement photoclubist.*

Keywords: *Catalogs of photographic salons. Foto Clube do Espírito Santo. Salons of Photographic Art. Artistic photography. Photoclubism.*

¹ Mestre em Artes (2014), na área de concentração Estudos em História, Teoria e Crítica da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Bacharel em Artes Plásticas (2012) pela mesma universidade (UFES); Tecnóloga especializada em Fotografia (2010) pela Universidade Vila Velha (UVV).

Considerações iniciais acerca dos Salões Capixabas de Arte Fotográfica

Os Salões de Arte Fotográfica compunham o conjunto de atividades realizadas pelos fotoclubes, sendo uma das mais importantes práticas das agremiações por operarem na difusão da fotografia artística e, também, na manutenção do fotoclubismo. A tentativa de homogeneização da prática fotográfica ganharia, assim, reforço por meio da realização dos Salões, os quais propagavam a fotografia artística discutida no interior do fotoclube aos participantes do evento e ao público em geral. Sendo os Salões configurados em diversos níveis – estadual, nacional ou internacional –, permitiam, ainda, produtivo intercâmbio entre fotoclubistas e fotoclubes.

No Espírito Santo, a promoção das edições do *Salão Capixabas de Arte Fotográfica*, de 1947 a 1978, pelo *Foto Clube do Espírito Santo (FCES)*, ocorreu de modo similar aos dos demais fotoclubes brasileiros. Tendo contribuído, ainda, na formação imagética dos seus membros e na adequação do fotoclube local ao movimento fotoclubista. O empenho do *FCES* nas intensas atividades fotoclubistas, então, colaborou para sua participação na construção da visualidade do fotoclube no Brasil.

Nos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*, as três primeiras edições – dos anos de 1947, 1949 e 1950² – foram de nível estadual participando, basicamente, apenas os integrantes do próprio fotoclube. No IV Salão, em 1951, se inauguraria a expansão do evento ao nível nacional e, também teria início a confecção e publicação dos respectivos catálogos, que a partir de então, documentariam cada edição³.



Figura 1. 1º Salão Capixaba de Arte Fotográfica, 1947.

Salão realizado na sede da A.E.I. (Associação Espírito-Santense de Imprensa). Da esquerda para direita, estão dispostos: Isauro Rodrigues, José do Patrocínio Machado de Oliveira, Érico Hauschild, Magid Saade, Rubens Grausco e Manoel Martins Rodrigues. Fonte: VASCONCELOS, 2008, p. 97.

² Por dificuldades financeiras e falta de apoio o FCES não consegue executar a segunda edição do Salão no ano de 1948, como pretendido.

³ A partir da 4ª edição, apenas o VIII Salão, de 1955, não possui catálogo.

Consta na página de apresentação do catálogo do IX Salão, de 1956, o termo “Internacional”, entre parênteses. Contudo, não se encontra na relação de trabalhos aceitos do Salão referido, a presença de fotógrafos estrangeiros, tanto na condição de “avulso” ou representado por agremiação. Somente no ano de 1958, na 11ª realização do evento, que constaria, de fato, a presença de estrangeiros participando do Salão. No catálogo desse XI Salão encontram-se obras enviadas por fotógrafos da Alemanha, de Portugal, da Itália e da antiga Iugoslávia. Tal abertura resultaria num intercâmbio fotográfico favorável ao aprimoramento do olhar e da experiência dos integrantes do FCES, que absorviam as novidades vindas de fora, em especial, ao que se referia a processos e estéticas.

Os primeiros Salões promovidos pelo fotoclube local previam a inscrição de fotografias exclusivamente em “Branco e Preto”. No X Salão, em 1957, a seção “Cor” seria inaugurada com “Transparências 35mm”. Nesta categoria, no entanto, somente são registrados membros do próprio FCES participando. Nos dois anos seguintes, contudo, a categoria não aparece, retornando firmemente aos Salões, em 1960, como “Seção cor – 30x40”. Nessa edição, a XIII, somente um concorrente tem as obras aceitas na seção referida – totalizando quatro fotografias do mesmo fotógrafo –, sendo ele membro da agremiação *Fény-Szöv Fotó-Club*, de Budapeste, Hungria.

A partir de então, os Salões priorizariam os trabalhos coloridos, sendo os eventos organizados em três seções: “Branco e Preto”, “Cópias/Ampliações Coloridas” e “Transparências/Diapositivos Coloridos”. A propagação dos filmes em cor reflete-se na quantidade de fotografias coloridas inscritas e aceitas nos Salões capixabas. Entretanto, ainda que a fotografia em cor angariasse espaço nos Salões, conquistando duas das três categorias do evento, as fotos em “branco e preto” ainda predominavam entre os trabalhos inscritos e admitidos.

O aumento na quantidade de categorias implicava, também, na ampliação do número de premiações: se de cada seção eram selecionadas as três melhores obras, o Salão passaria, assim, a ter nove premiações por edição – sem contar com as concessões de menções honrosas, que não seguiam uma regularidade na premiação.

Era permitida a participação desses eventos agremiações e fotógrafos “avulsos”, aqueles que não eram associados a nenhuma instituição do movimento fotoclubista, ou seja, não era condição obrigatória ser membro integrante do fotoclube para ter aceitação nos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*. Contudo, mesmo que o Salão previsse a participação de fotógrafos “avulsos”, é claramente percebida que a inscrição de fotografias de fotoclubistas ocorria em maior número que o de fotógrafos externos. Pode-se atribuir isso ao fato do regulamento do Salão ser divulgado pelos canais do próprio movimento, como o contato direto com os fotoclubes ou divulgação através de convites inseridos em seus boletins informativos e mesmo nos catálogos do evento. Como as mídias convencionais não veiculavam tais informações sobre a forma de participação no evento, o número de pessoas de fora do circuito fotoclubístico acabava restrito.

Isso, no entanto, não significava que os “avulsos” não eram aceitos ou não eram premiados nos Salões. Assim, no decorrer das dezesseis edições internacionais do Salão, tem-se com frequência a aceitação no evento de fotógrafos “avulsos” de todo o mundo, ainda que em menor número que os fotógrafos de agremiações.

A partir de 1964, por ocasião do XVII Salão capixaba, a *Fédération Internationale de L'art Photographique* reconheceria e regulamentaria o evento do *Foto Clube do Espírito Santo*.⁴ Para que isso ocorresse, procedimentos e normas deveriam ser seguidas pelos promotores do

⁴ Segundo informações dadas por Magid Saade em entrevista ao autor em 02/12/10.

evento como a confecção de medalhas referentes a, no mínimo, três primeiros lugares de cada categoria; a emissão de convites, os quais eram entregues para a *Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema*. Esta as repassava para a *FIAP*, que então distribuía os convites internacionalmente – além de também entregar diretamente a algumas agremiações; a produção de selos para cada edição (os quais às vezes se repetiam de um evento para o outro); a impressão de catálogos com quadros estatísticos dos países participantes com a quantidade de trabalhos inscritos e admitidos, além da realização da exposição com os trabalhos admitidos. De tal maneira, a promoção do evento se daria de modo similar em todo mundo, numa tentativa de uma padronização dos Salões, de acordo com as orientações da *FIAP*.

Assim sendo, o *FCES* estava filiado à *CBFC*, atuante enquanto órgão regulamentador da prática fotoclubística no Brasil, que mantinha o contato direto com o organismo internacional, a *FIAP*.

A partir da filiação do *FCES* à *FIAP*, percebe-se, por meio dos catálogos, um crescimento no número de concorrentes e de trabalhos inscritos a cada edição. Isso pode caracterizar a divulgação ou respeito do evento capixaba no cenário internacional, o que favoreceria a qualidade e a repercussão do mesmo interna e externamente.

Analisando os países participantes nos Salões internacionais, verificamos, de acordo com os dados constantes dos catálogos, o montante de trinta e duas nações ao longo das edições do evento: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hong Kong, Hungria, Inglaterra, Itália, antiga Iugoslávia, Jamaica, Luxemburgo, México, Noruega, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, Rússia (na época, URSS), Suécia, Suíça e antiga Tchecoslováquia. É intensa a afluência da Europa, além de representantes dos demais continentes, com exceção, contudo, da África.

A regularidade das edições do evento foi anual até o XXII Salão, em 1969. Os eventos realizados na década de 1970 têm intervalos irregulares, tendo comportado quatro edições: XXIII Salão (1971), XXIV Salão (1973), XXV Salão (1975) e o XXVI Salão (1978). Magid Saade esclarecia, em entrevista à autora (2010), que como a promoção dos eventos dependia de muito trabalho dos membros envolvidos, os dirigentes e associados do *FCES* resolveram transformar os Salões em bienais. No entanto, o espaço de tempo entre o XXV e o último evento realizado (XXVI Salão) caracterizou-se como trienal.

Até 1967, como consta nos catálogos dos Salões, as obras dos membros da Comissão Julgadora não poderiam participar da seleção do evento e concorrer à premiação. Os trabalhos desses, então, somente participavam da exposição. Contudo, daí em diante, as fotografias de todos os associados do *FCES* não poderiam concorrer à premiação. Isso configurava uma das normas ditadas pela *Fédération Internationale de L'art Photographique*, porém tornava o evento, para o Fotoclube promotor, apenas a sede da amostragem e não possibilidade de competição.

De outra forma, a participação dos membros do *FCES* com a exposição de suas fotografias em “mostra paralela”, favorecia a sua apresentação no espaço expositivo em relação às demais. Ana Rita Vidica, na leitura que faz do caso do *Clube da Objetiva* (GO), aponta que isso podia oferecer uma “divulgação do trabalho fotográfico local, que coaduna com o dos outros expositores, dando uma dimensão de qualidade em nível internacional para os fotoclubista locais, aos olhos do público local”.⁵

⁵ VIDICA, 2013, p. 55.



Figura 2. Francisco Quintas Jr., *Ordem Cerrada*, 1961.
Fonte: XV Catálogo do Salão Capixaba de Arte Fotográfica. Acervo do FCES.

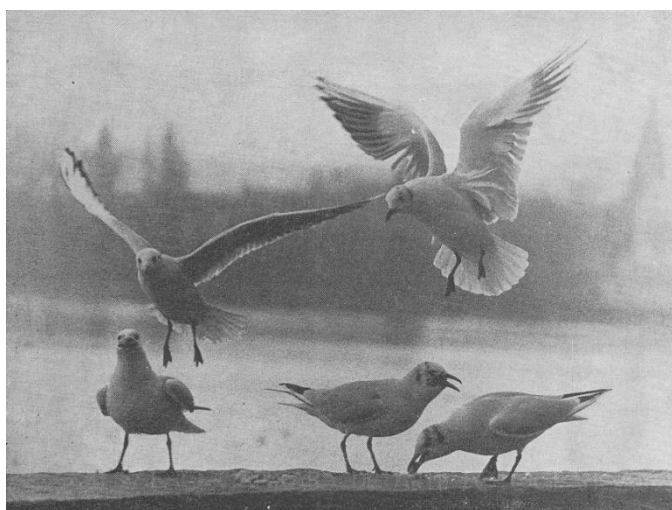


Figura 3. Heinz Stadelhofer (Alemanha), *Futterplatz*, 1968.
1º prêmio em "Branco e Preto" do XXI Salão Capixaba de Arte Fotográfica.
Fonte: Catálogo do XXI Salão. Acervo do FCES.

O espaço dos catálogos dos Salões capixabas, também era uma possibilidade de divulgar a produção fotográfica dos membros do FCES. Dessa forma, o catálogo foi usado como veículo para afirmar a qualidade dos fotoclubistas locais em igualdade aos internacionais. Assim, uma quantidade significativa de fotografias dos integrantes do fotoclube capixaba compõem os catálogos.

Dos fotoclubes brasileiros participantes é evidente a presença em peso dos originários do Rio de Janeiro e de São Paulo, localidades onde havia uma proliferação maior de agremiações em relação a outras regiões do país. Dos paulistas, têm-se imagens enviadas por membros do: *Foto Cine Clube Bandeirante (São Paulo/SP)*, *Academia Santista de Fotografia (Santos/SP)*, *Foto Clube do Jaú (Jaú/SP)*, *Iris Foto Grupo (São Carlos/SP)*, *Liberdade Foto Clube (São Paulo/SP)*, *Santos Cine Foto Clube (Santos/SP)*, *Foto Cine Clube de Barretos (Barretos/SP)*, *Foto Cine Clube Aracoara (Araraquara/SP)*, *Cine Foto Clube de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto/SP)*, *Grupo dos Seis (São Paulo/SP)*, *Foto-Cine Clube Jundiá (Jundiá/SP)*, *Foto Clube Lençoense (Lençóis Paulista/SP)*, *Cine-Foto Clube (Amparo/SP)* e *Clube Foto Amigos (Santos/SP)*.

Estão registrados, também, a participação dos seguintes fotoclubes cariocas: *Associação Brasileira de Arte Fotográfica (ABAF – RJ)*, *Clube Foto Filatélico Numismático de Volta Redonda (Volta Redonda/RJ)*, *Foto Grupo Objetiva (Niterói/RJ)*, *Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói/RJ)*, *Sociedade Fotográfica de Nova Friburgo (Nova Friburgo/RJ)*, *Foto Grupo Niteroi (Niterói/RJ)*, *Rio Foto Grupo (Guanabara/RJ)*.

Na relação dos demais fotoclubes brasileiros que tiveram trabalhos aceitos nos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*, verificou-se a participação de agremiações das regiões Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e, fortemente a Sul. Desses, estiveram representados: *Clube da Objetiva (Goiânia/GO)*, *Foto Clube de Londrina (Londrina/PR)*, *Grupo de Fotógrafos Amadores (Aracaju/SE)*, *Sociedade Sergipana de Fotografia (Aracajú/SE)*, *Foto Cine Clube do Recife (Recife/PE)*, *Foto Cine Clube Gaúcho (Porto Alegre/RS)*, *Foto Clube de Minas Gerais (Belo Horizonte/MG)*, *Foto Cine Light Clube⁶*, *Clube de Cinema do Rio Grande (Rio Grande/RS)*, *Associação de Fotógrafos Amadores da Bahia (Salvador/BA)*, *Santa Catarina Foto Grupo (Florianópolis/SC)*, *Foto Clube do Pará (Belém/PA)*, *Foto Clube Uberaba (Uberaba/MG)*, *Foto-Grupo de Indaial (Indaial/SC)*, *Poço de Caldas Cine-Foto Clube (Poço de Caldas/MG)*, *Cine-Foto Clube (São Leopoldo/MG)*, *Foca-Foto Clube Amador (Rolândia/PR)*, *Foto Cine-Clube Vila Velha (Ponta Grossa/PR)*, *Associação Cachoeirense de Arte Fotográfica (Cachoeiro de Itapemirim/ES)* e, claro, o próprio FCES, em participação em “fora de seleção”.

Como isso, pode-se perceber a amplitude do evento, também, em território nacional. Na edição de 1971, a exemplo, chegaram a participar 17 fotoclubes do Brasil, sendo a média de 13, neste período dos anos de 1970, fase final, mas também a mais expressiva em números do Salão capixaba.

Os *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*, promovidos pelo FCES, durante o período que se estende por 31 anos, destacou, por seus critérios e concepções, a seleção da fotografia artística no contexto do fotoclubismo internacional. A compreensão imagética das obras aceitas e, principalmente, das que foram premiadas nas edições, podem ser avaliadas, por meio dos catálogos das edições dos Salões.

Os catálogos dos Salões: vestígios do evento

Ao longo dos 26 *Salões de Arte Fotográfica*, promovidos pelo *Foto Clube do Espírito Santo*, este publicou a partir do seu IV Salão, em 1951, um total de 22 catálogos. Verdadeiros documentos históricos e fonte de memória dos eventos, os catálogos compõem o acervo do FCES, situado na sede da instituição, em Vitória, que ainda guarda exemplares que não foram distribuídos no momento dos eventos.

⁶ Não se achou correspondência de localização deste fotoclube.

As dimensões dos catálogos estão próximas do padrão internacional A5 (15 x 22 cm), com variações de poucos centímetros de uma edição para outra, e são a principal referência dos eventos. Revelam um complexo de informações, desde a relação de fotógrafos participantes à reprodução de parte de fotografias que foram exibidas na exposição. Diante da importância dos documentos do passado, cabe apontar aqui que o catálogo, sob o prisma de uma fonte escrita impressa, atua como meio de transmissão de informações que torna possível tanto a compreensão, quanto a tentativa de reconstituição de uma atividade específica do fotoclube e, também, a investigação das circunstâncias que envolveram a produção fotográfica da época.

Surge a necessidade de se fazer conhecer os conteúdos dos documentos, possibilitando o resgate da memória visual e escrita do evento por meio de ações de descoberta, análise e interpretação dos materiais que se tornam, então, instrumentos da pesquisa. Consciente disso, Boris Kossoy, ao abordar em suas obras referências à pesquisa histórica, cita o historiador francês Henri-Irénée Marrou, que teria observado:

Muitas vezes a existência da documentação só se revela no dia em que um historiador, o primeiro a interessar-se por esse problema, a reclame, a procure, a faça surgir mediante processos engenhosos, imaginados com essa finalidade.⁷

O contato e o estudo da documentação relativa ao evento em questão possibilitam inquiri-la como instrumento de apoio à pesquisa. Permite formular interpretações do extenso tecido de informações e favorecer a ampliação do horizonte de pesquisas no campo da história da fotografia no Brasil.

O catálogo do Salão apresenta um quadro completo e detalhado de informações sobre o evento. As páginas iniciais são dedicadas a dados concernentes ao FCES, como a data de sua fundação, o endereço de sua sede, sua filiação a outras instituições e a diretoria do fotoclube à época do evento, além de mencionar o patrocínio da *Fédération Internationale de L'art Photographique (FIAP)* e da *Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema (CBFC)*.

Na sequência, era listada a relação dos trabalhos expostos na mostra do Salão, ou seja, eram citados todos os trabalhos selecionados pela comissão julgadora do evento. A relação, era feita por seção (“branco e preto”, cor “diapositivo”, cor “ampliação”)⁸. Por conseguinte, era mencionado o país de origem do fotógrafo, o nome do fotoclube de filiação do mesmo e sua cidade sede, o nome do autor e o título da fotografia. Além da distribuição por fotoclube, eram, também, relacionados os fotógrafos chamados “avulsos”, isto é, aqueles que não tinham ligação direta com qualquer instituição fotoclubística, atuando independentemente do movimento.

Da ordem gráfica do catálogo, o exemplar se apresentou de maneira bem variada no tocante ao número de página. Em algumas edições, chegaram a conter até 50 páginas, enquanto em outras, especialmente nos últimos tempos dos Salões, houve redução para cerca de 20 páginas. Nas primeiras edições, a capa era impressa em um tipo de papel cartão de gramatura alta. Posteriormente, o Salão passaria a estampar fotografias na capa dos catálogos, quando

⁷ MARROU apud KOSSOY, 2001, p. 64.

⁸ Cabe apontar que as categorias de fotografias coloridas foram incluídas posteriormente nos Salões Capixabas, quando o evento já seria realizado em nível internacional. Em 1960, o Salão amplia as seções pela primeira vez, estabelecendo as categorias “Branco e Preto” e “Cor – 30x40”. Já em 1961, apresentaria a categoria colorida “Cor – 35 mm (transparências e slides)”. A partir do XV Salão, em 1962, as categorias estariam fixadas em três: “Branco e preto”, “Cor – Ampliação” e “Cor – Diapositivo”.

utilizou um papel mais específico, assegurando maior qualidade na impressão da imagem. Essa diferença também é percebida no miolo do catálogo. Contudo, de uma maneira invertida: antes o papel das páginas internas parecia de melhor qualidade, semelhante a um papel *couché*, e nas edições do final da década de 1960 e nas dos anos de 1970, o papel tem qualidade mais reduzida. Essas mudanças podem ser visualizadas, por exemplo, ao se comparar os tons da impressão da fotografia preto e branco reproduzida nos catálogos, sendo que nas últimas edições do Salão Capixaba, o preto e branco tem um aspecto de “lavado”, pois não apresenta contrastes nas gradações.

Quanto à circulação e à tiragem dos exemplares do catálogo, não se encontra mencionado em nenhuma parte do mesmo, qualquer informação de como isso ocorria. Em algumas edições são mencionados os nomes das gráficas que confeccionaram o catálogo, sendo que em 1962, o catálogo foi produzido na Gráfica Barthel S. A., do Rio de Janeiro; em 1964, 1967, 1968 e 1969, foram confeccionados na Papelaria e Tipografia Samorini (Moacyr Barbosa & Cia. Ltda.), em Vitória/ES; em 1966, se tem registro de ter sido “composto e impresso” no Departamento de Imprensa Oficial, em Vitória. Nos demais anos do evento, excepcionalmente, não foi referenciada a empresa de editoração. As variações no emprego de papel e impressão do catálogo, contudo, não têm relação única e direta com as alternâncias na escolha da oficina gráfica. Possivelmente, as mudanças podem ter ocorrido por diferentes motivos, entre eles a entrada de patrocínio ou subvencionado, por meio de propagandas publicitárias, o que explica a maior ou menor qualidade na confecção do documento. Basta mencionar que parte das páginas era inteiramente reservada para a publicidade de lojas comerciais, ligadas ou não à fotografia, que custeavam a confecção do catálogo, sem contar que alguns anúncios publicitários que compõem as páginas do catálogo estampavam, inclusive, fotografias de autoria dos próprios foto amadores.

Muitas foram as empresas que veicularam propagandas nos catálogos ao longo das edições dos Salões do FCES, em especial, bancos, exportadores, fábricas de produtos alimentícios e revendedoras de automóveis. Entre as mais presentes que se pode citar estão: Vitoriawagen S.A. (revendedora de automóveis), Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo S.A., Chocolates Garoto (fábrica de chocolates e balas), Centro do Comércio do Café de Vitória (exportação e importação de café), Banco Banestes, Senai, Ceglias Barbosa S.A. (revendedora de automóveis), Coser Café (exportação e importação de café) e outros. Além dessas, havia empresas relacionadas ao mercado fotográfico que também cobriam o espaço editorial do catálogo, como: Ilford (papéis fotográficos, raio-x), Focima S.A. (artigos fotográficos para amadores e profissionais situada no Rio de Janeiro), Departamento Cine-Foto Mesbla (loja de materiais fotográficos), Casa Hilal (material fotográfico), Lojas Helal S.A Comércio e Importação (loja de fotografia do Rio de Janeiro com filial em Vitória) e João Ferreira da Silva (representante de câmeras fotográficas). Apesar dos catálogos não se restringirem a divulgar somente lojas de artigos e serviços especializados em fotografia, importadores, representantes ou, ainda, distribuidores de materiais fotográficos e cinematográficos, é possível compreender a formação de um comércio especializado de materiais fotográficos no espaço do mercado capixaba. Isso possibilitava abastecer os amadores interessados sem que carecessem adquiri-los de empresas estabelecidas em grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro.

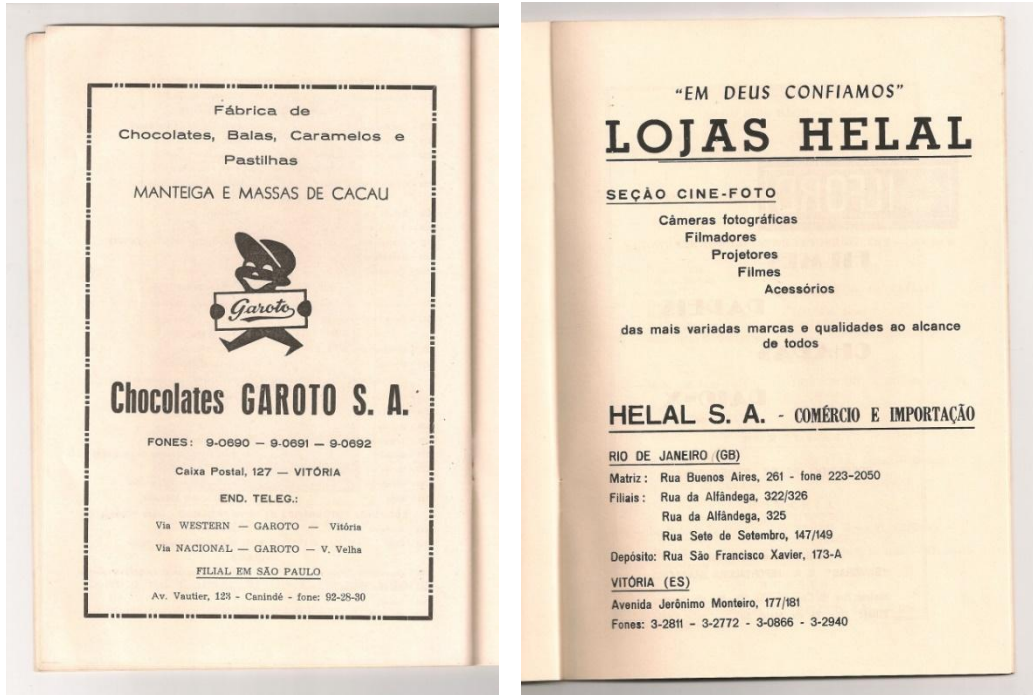


Figura 4 e 5. Propagandas veiculadas no interior dos catálogos. Em especial, destacam-se empresas locais especializadas ou não em fotografia. Fonte: Catálogos dos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*. Acervo do FCES. Reprodução digital do catálogo pelo autor.

Inicialmente, a configuração formal da capa dos Salões não seguia padrões únicos ou definidos, expondo, a cada edição, diferentes estratégias compositivas. De forma geral, apresentavam-se de forma bem organizada, com harmonia e equilíbrio. Nas primeiras quatro edições do catálogo, de 1951 a 1954, nota-se a preferência por ressaltar a naturalidade capixaba do FCES, o promotor do evento. A capa do catálogo inaugural, do IV *Salão* de 1951, apresenta, em desenho contrastado em branco e preto com traços ritmados, o Convento da Penha, importante marco postal capixaba. Sobrepondo-se à figura, os elementos textuais do catálogo revelam-se de dimensões exageradas. No ano seguinte, na V edição do *Salão*, novamente ganham destaque os pontos turísticos do Estado: é estampada a formação rochosa capixaba chamada O Frade e a Freira na capa do catálogo, porém com linguagem mais clara e em harmonia com a logomarca do fotoclube e demais elementos de texto. Em 1953, a capa volta a apresentar uma imagem do Convento da Penha, mas agora uma fotografia aérea do monumento. Aparentemente, a imagem fotográfica parece ter o mesmo ponto de vista do desenho do catálogo de 1951, o que sugere que a imagem fotográfica pode ter servido de referência para a produção de tal desenho, ambos, contudo, sem menção à autoria. A capa do VII *Salão*, de 1954, surge com fundo negro sobrepondo a logomarca do fotoclube na cor branca e centralizada na página.

Nas edições de 1956 a 1961 do *Salão*, a composição da capa apresenta conceitos estéticos semelhantes, sendo composta, basicamente, por linhas definidas e com ordenação visual simples. Além disso, do primeiro catálogo até a edição de 1961, a parte textual informava apenas a edição do *Salão*, o nome do fotoclube, localidade e ano.

Em 1962, no XV *Salão*, a diagramação da capa sofre alterações passando a incluir, além das informações textuais já citadas, também uma fotografia, seguida de legenda com indicação do título, o nome do fotógrafo e país de origem. A partir de 1963, a fotografia que estamparia

a capa do catálogo seria a imagem premiada em primeiro lugar na categoria “branco e preto” do Salão, incluindo-se na legenda, também, a referência à premiação. Em geral, a organização visual das capas a partir de 1962, apresenta-se de forma padronizada: com composição equilibrada na distribuição dos elementos, textuais e imagéticos, mas evidenciando mais a imagem, considerando que o tamanho da fonte e o número de palavras do texto foram reduzidos.



Figuras 6, 7 e 8. Capas com as principais configurações compositivas adotadas nos Salões.
Fonte: Catálogos dos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica* dos anos de 1951, 1957 e 1965. Acervo do FCES.
Reprodução digital do catálogo pelo autor.

No interior do catálogo pode-se perceber, como já citado, que, de maneira geral, as fotografias reproduzidas predominantemente eram as da categoria “branco e preto”, apesar da existência, desde 1960, de categorias referentes à fotografia em cores.⁹⁹ Possivelmente, a escolha por incluir somente reproduções em “branco e preto” se dava em razão do exemplar ser impresso em preto e branco, pela melhor qualidade da imagem reproduzida e para baratear os custos dos catálogos. Dentre as fotografias que estampavam o interior dos catálogos, faziam parte aquelas premiadas na 1ª, 2ª e 3ª colocação, as menções honrosas – quando havia –, além de outras fotografias, de expressão, que fizeram parte da seleção da mostra. Junto às fotografias, legendas contendo o título da obra, nome do fotógrafo, país e, quando cabia, a premiação da foto. Em geral, a fotografia era diagramada em página inteira e, em alguns casos, dividia o espaço com outra.

Inclui-se também na parte interna do catálogo, o quadro estatístico ou demonstrativo do evento que, na maioria das vezes, se localizava ao final do documento. Nele se encontra a relação em números de concorrentes inscritos e de trabalhos recebidos e aceitos no Salão. Em uma pequena parte das edições, como a XXIII de 1971, o quadro foi ampliado com novo detalhamento por países participantes.

⁹⁹ A produção característica do Foto Clube do Espírito Santo e dos Salões Capixabas de Arte Fotográfica que promovia era a fotografia em branco e preto. Importante assinalar que a partir de 1960 a fotografia em cores passou a constar nos Salões capixabas, porém, infelizmente, não foi possível localizar nenhuma dessas fotos.

ESTATÍSTICA

PAÍSES	CONCORRENTES		TRABALHOS	
	Inscritos	Admitidos	Inscritos	Admitidos
Alemanha	55	44	198	82
Argentina.....	9	5	35	9
Áustria	126	72	448	117
Bélgica	11	7	44	10
Brasil.....	139	64	419	97
Dinamarca.....	1	1	4	2
Finlândia.....	1	1	4	1
França.....	2	2	8	4
Hong Kong.....	2	1	8	2
Hungria.....	3	3	12	4
Itália.....	1	1	4	1
Luxemburgo.....	4	4	16	6
México.....	1	1	4	3
Polónia.....	1	1	4	3
Portugal.....	1	1	4	3
Romênia.....	2	2	7	3
Suécia.....	1	1	4	4
Tcheco - Eslováquia.....	1	1	4	3
	361	212	1.227	354

Não se acham incluídos os trabalhos dos membros da Comissão Julgadora.
 Não concorreram à premiação as fotografias dos associados do Foto Clube do Espírito Santo.

Figura 9. Quadro de Estatística dos catálogos com diferentes formas de apresentação, neste caso, relacionado por países.

ESTATÍSTICA

CONCORRENTES		TRABALHOS	
Inscritos	Admitidos	Inscritos	Admitidos
304	166	1.144	277

Não se acham incluídos os trabalhos dos membros da Comissão Julgadora.
 Não concorreram à premiação as fotografias dos associados do Foto Clube do Espírito Santo.

Figuras 10. Quadros de Estatísticas dos catálogos com diferentes formas de apresentação, neste caso, relacionado em números gerais.

Fonte: Catálogos dos *Salões Capixabas de Arte Fotográfica* dos anos de 1969 e 1978. Acervo do FCES. Reprodução digital do catálogo pelo autor.

Em geral, na base do quadro estatístico, eram inseridas notas informativas, como: “Não se acham incluídos os trabalhos dos membros da comissão julgadora.” e também “Não concorrem à premiação as fotografias dos associados do *Foto Clube do Espírito Santo*.”. Em alguns casos, o FCES incluiu dedicatórias, e o que chamam de “registro”, algo semelhante a um agradecimento a alguma instituição em especial, quando apoiava a promoção do evento ou cedia espaço para a exposição das fotografias, entre outras.

Eram mencionados os nomes dos membros da Comissão Julgadora e dos suplentes, quando cabia. Nas páginas finais dos catálogos, podia-se encontrar o convite prévio para a edição seguinte do Salão, informando a data de realização e encerramento das inscrições, bem como

o endereço para remessa das fotografias. É possível verificar a presença de tal dado, somente a partir do catálogo do XIII Salão, em 1960, seguindo normas da FIAP.

De maneira geral, a estruturação dos catálogos não seguia uma ordem rigorosa de apresentação, com padrões de quantidade de propagandas, diagramação das fotografias e das relações dos trabalhos expostos, informações contidas no quadro estatístico, por exemplo. Contudo, apresentam uma rede de informações ampla que aponta para a promoção de um evento de grande apreço ao movimento fotoclubista.

Assim sendo, o FCES e os Salões como instituição enunciadora da fotografia enquanto arte no contexto apresentado, situam-se dentro do circuito social da fotografia em seu processo de produção, circulação e consumo de imagens fotográficas. A leitura dos catálogos dos Salões – e de outros documentos que ajudam a compor o entendimento da prática do fotoclube local, como boletins, cartilhas e mesmo depoimentos de integrantes – se traduz em dados significantes quanto à posição criteriosa de sua comissão. O documento, detentor do vestígio de uma obra ou a memória de uma exposição, reafirma, sob outra forma de apresentação distante da original, a fotografia artística.

Referências

FERNANDES, Ana Rita Vidica. *Clube da Objetiva (1970-1989): um fotoclube no central do Brasil*. Paraná: Editora Appris, 2013.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. 2. ed. rev. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VASCONCELOS, Claudia Milke. *Fotoclube do Espírito Santo: arte fotográfica numa trajetória específica*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.